

AUTORRECONHECIMENTO QUILOMBOLA: TOMÉ NUNES E AS RELAÇÕES INTERNAS E EXTERNAS NO ALTO SERTÃO DA BAHIA

Leila Maria Prates Teixeira

Mestre em História Regional e Local pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

E-mail: lmprates@hotmail.com

Palavras-chave: Comunidade Quilombola. Autorreconhecimento. Relações Internas. Relações Externas.

Nas últimas décadas, as comunidades rurais negras, para sobreviverem, necessitam se inserir no sistema de mercado. Algumas comunidades negras não só querem sair do isolamento como querem reconhecimento de seus valores culturais. Em Tomé Nunes, este desejo não é diferente.

Comunidade negra rural localizada no município de Malhada no Alto Sertão baiano, Tomé Nunes foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares como uma comunidade remanescente de quilombo. O presente texto é fruto de um estudo mais amplo desenvolvido junto aos moradores desta comunidade, apoiando-se, sobretudo, na oralidade como fonte.

Os moradores de Tomé Nunes tornaram-se mais populares nas regiões do Médio São Francisco e Alto Sertão baiano após o reconhecimento da comunidade pela Fundação Palmares como remanescente de quilombo e também por suas práticas culturais, como o reisado, a “dança afro”,¹ a dança do baú e outros.

A dança de Reis da comunidade é mais conhecida, devido à filmagem realizada pela equipe da TVE Bahia e pela sua exibição por diversas vezes em sua programação.² Além disso, os membros da comunidade recebem frequentemente convites para apresentação em festas regionais, como na sede do município de Malhada e cidades circunvizinhas. É sabido também que este interesse “externo” pelas manifestações culturais de Tomé Nunes passou a fortalecer-se após o reconhecimento oficial do povoado como quilombola.

¹ A “dança afro”, aqui referida, é coreografia organizada por jovens meninas da comunidade que se inspiram no que veem na grande mídia, e que influenciam, mas diretamente, as novas gerações.

² Festas e Folias de Reis – Bahia Singular e Plural. Realização TVE Bahia. Projeto e coordenação Pablo Marconi, Pesquisa, roteiro e edição Josias Pires. Produção Josias Pires e Ednilson Motta.



Figura 1: Comunidade de Tomé Nunes participando do desfile de 02 de julho, em Caetité.
Fonte: www.caetite.ba.gov.br, julho de 2009.

A imagem acima demonstra o quão conhecido e popular são o Reisado e a “dança afro” da comunidade de Tomé Nunes. O desfile de 02 de julho na cidade de Caetité é uma data cívica comemorada com muita pompa todos os anos. Os moradores daquela cidade parecem se orgulhar da participação de seus antepassados, mesmo que indiretamente, nas lutas da Independência da Bahia. Importante ressaltar também que este site que fotografou o desfile é um site bastante acessado em Caetité e cidades circunvizinhas (a foto foi retirada do site oficial da prefeitura de Caetité), dando assim uma maior visibilidade à Comunidade de Tomé Nunes e seus moradores.

Todo dia 1º de janeiro inicia-se a jornada festiva do Santo Reis na comunidade de Tomé Nunes, fazendo-se cumprir assim uma promessa feita por dona Maria Dias da Conceição do Rosário, de 72 anos de idade, a Deus. Em 2010 a jornada festiva foi alterada para realizar um antigo desejo da referida senhora. Diferentemente do que acontecem todos os anos, a Capela da Comunidade não foi à primeira “morada” a receber o reisado de “Caixa Chegada do Rei Messias”. A Igreja Católica Matriz do município de Malhada/BA foi escolhida por dona Maria para dar início aos festejos no ano de 2010.

De acordo com dona Maria, sempre foi um desejo seu cantar o Reis na sede do município, mas que sempre teve muito medo: “[...] medo de malandrage (malandragem), de não conseguir nenhum agrado, do povo não receber o Reis, sabe minha fia (filha)”³

O receio de dona Maria de não ser bem recebida pelos moradores da comunidade, remete-nos a discussão do antropólogo José Jorge de Carvalho (1997) sobre a invisibilidade do negro durante tantos anos na nossa sociedade. Segundo ele esta invisibilidade foi mais uma forma de resistência para não ser atingido pelo preconceito: “o silêncio e a capacidade de se tornar invisível era a possibilidade mesma de manter-se vivo e livre” (CARVALHO, 1997, p. 1).

Dona Joanita Dias de Brito, presidenta da Associação dos Moradores de Tomé Nunes, principal parceira de dona Maria nas cantigas do Reis, ao saber desse desejo da companheira, foi dias antes à sede do município para conseguir com os órgãos responsáveis uma ajuda financeira para o transporte dos reiseiros da comunidade até Malhada.

Esta atitude de dona Joanita de tentar satisfazer o desejo de dona Maria, principal responsável pelo Reis na comunidade, demonstra a liderança daquela senhora perante os moradores e de que forma o reconhecimento como quilombola os ajudam a ganhar uma maior expressão dentro da sede do município.

É preciso salientar que nem sempre as reivindicações são conquistadas, mas segundo dona Joanita, e essa compreensão é compartilhada pelos demais moradores da comunidade, a carta de reconhecimento quilombola, unindo-se ao conhecimento dos direitos que vêm proporcionando alguns benefícios e uma melhor qualidade de vida aos moradores de Tomé Nunes.

³ Joanita Dias de Brito. Entrevista realizada no dia 16 de maio de 2008, em Tomé Nunes.



Figura 2: Reiseiros de Tomé Nunes cantando Reis, pedindo a autorização para entrar na casa escolhida.
Fonte: Foto de Leila Maria Prates Teixeira, Malhada/BA - janeiro de 2010.

Na fotografia acima percebemos que os elementos temidos por dona Maria que pudessem acontecer quando fossem cantar o Reis na cidade de Malhada - “[...] medo de malandrage (malandragem), de não conseguir nenhum agrado, do povo não receber o Reis, sabe minha fia (filha)”⁴ – não estavam presentes durante o percurso realizado pelo Terno. A foto nos mostra a aceitação por parte dos donos das casas escolhidas e a presença de outras pessoas que não são da comunidade, participando pacificamente da festa.

A análise da foto remete às exposições de Peter Burke (2004):

No caso de imagens, como no caso de textos, o historiador necessita ler nas entrelinhas, observando os detalhes pequenos, mas significativos – incluindo ausências significativas – usando-os como pistas para informações que os produtores de imagens não sabiam que eles sabiam, ou para suposições que eles não estavam conscientes de possuir (BURKE, 2004, p. 236-238).

A fotografia é uma fonte de saber que deve ser analisada a fim de se obter uma nova perspectiva da realidade. De acordo com Burke (2004), a fotografia não serve apenas para evidenciar verdades previamente estabelecidas; ao contrário, ela deve ser utilizada com o objetivo de levantar novos questionamentos e possibilitar novas análises. Sendo uma fonte imagética, ela precisa ser analisada criticamente para propiciar interpretações, plausíveis, pois

⁴ Dona Maria Dias da Conceição do Rosário. Entrevista realizada no dia 01 de janeiro de 2010, na cidade de Malhada.

apesar de trazer em si um momento guardado através do “congelamento” da imagem, as fotografias despertam sensações e percepções que possibilitam o repensar do instante fotografado.

As comunidades negras que margeiam o Rio São Francisco demonstram, em primeiro contato, uma ligação muito forte entre elas. Talvez seja devido à similaridade nos interesses, na resistência, nas práticas culturais e outros fatores ligados à identidade negra quilombola.

O historiador Nivaldo Dutra (2007) dedica em sua dissertação um capítulo inteiro para tratar da relação de solidariedade entre a comunidade de Rio das Rãs e as demais comunidades da região:

Muitas dessas comunidades negras rurais não tinham conhecimento da possibilidade de terem os seus territórios reconhecidos como áreas pertencentes a antigos quilombos. O contato com a experiência dos moradores do Rio das Rãs abriu essas portas para que a luta pelo reconhecimento também fosse travada nessa dimensão; na experiência, crescem em consciência de seus direitos (DUTRA, 2007, p. 142).

Em Tomé Nunes, a comunidade do Rio das Rãs também é vista como um exemplo de luta em busca de melhorias, visto que ela foi a primeira comunidade quilombola a ter suas terras tituladas no Brasil. Dutra (2007, p. 143) também acrescenta o fato de que muitas vezes somente o reconhecimento não basta para a comunidade:

O reconhecimento dos territórios quilombolas na região do Médio São Francisco e do Alto Sertão Baiano não levou as populações envolvidas a solucionar todos os seus problemas. Estes continuam na maioria dos territórios, pois ainda existe a falta de infraestrutura, de melhores condições de produção e comercialização dos produtos bem como problemas ligados a questões da saúde, da educação e do abastecimento de água potável (DUTRA, 2007, p. 143).

Diante desta realidade é que as comunidades ainda se organizam na busca de políticas públicas que possam resolver alguns impasses sociais para sua população. Dona Joanita afirmou esta necessidade da luta em diversas conversas que tivemos ao longo destes anos, como esta:

[...] com o passar do tempo então, a gente soube a finalidade dos remanescentes dos quilombos, quais os direitos e pra gente buscar o direito, o primeiro passo era o reconhecimento. Então hoje a gente ta buscando essa

melhoria para a nossa comunidade, porque é direito nosso e a gente deve lutar por isso.⁵

Mas os negros de Tomé Nunes aguardam ansiosamente a demarcação das terras, processo que deverá ser realizado pelo INCRA, visto que somente a certidão de remanescente não é suficiente para a regularização das terras.

As comunidades negras da região se organizaram em diversas associações para facilitar a interação desses negros com o Governo Federal e Regional, como o Movimento Estadual de Trabalhadores Assentados (CETA), Acampados e Quilombolas, que acompanham os trabalhos e a organização nessas áreas e a Central Regional das Comunidades de Quilombo (CRQ).

Uma prática organizada pelos negros quilombolas do Médio São Francisco e Alto Sertão, além das lutas diárias, é a festa celebrada anualmente por todas as comunidades. O dia da Consciência Negra, 20 de novembro, é comemorado com muita alegria e orgulho por todos esses negros da região.

Todo ano uma comunidade fica com a responsabilidade de organizar o evento. Neste evento há momentos de descontração e os momentos em que eles trocam experiências de vida e compartilham o que vem acontecendo com eles em relação ao reconhecimento e/ou titulação das terras.

Durante a festa, cada comunidade apresenta suas principais práticas culturais. Há espaço para oficinas, das mais variadas, como de “dança afro”, cabelo, artesanato, discussão sobre política, dentre outras e que são prestigiadas por todos aqueles que estão ali para comemorar a luta e a liberdade dos negros durante toda sua existência.

Desta forma, momentos assim demonstram a união e a solidariedade destas comunidades entre si. Segundo eles, é necessária esta união porque a luta é parecida e quando um consegue, abre precedentes para os demais. Exemplo disso é a comunidade do Rio das Rãs e as demais que vêm seguindo seu exemplo.

Referências

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.

⁵ Dona Joanita Dias de Brito. Entrevista realizada no dia 16 de maio de 2008, em Tomé Nunes.

CARVALHO, Jose Jorge de. Quilombos: símbolos da luta pela terra e pela liberdade. *Revista Cultura Vozes*. Rio de Janeiro, v. 91, n. 5, p. 149-160, 1997.

DUTRA, Nivaldo Osvaldo. *Liberdade é reconhecer que estamos no que é nosso: comunidades negras do Rio das Rãs e da Brasileira – BA (1982-2004)*. 2007. 178 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

Entrevistas

BRITO, Joanita Dias de. Tomé Nunes, 16 maio 2008. Entrevista concedida a Leila Teixeira.

ROSÁRIO, Maria Dias da Conceição do. Malhada, 01 jan. 2010. Entrevista concedida a Leila Teixeira.